

Trabalho e vida: tempos rememorados

*Vera Lúcia Puga*¹

¹ Professora doutora, aposentada desde 2010, porém ainda orientando e ministrando disciplinas no Programa de Mestrado e Doutorado em História da UFU. Pesquisadora do NEGUEM e editora da revista Caderno Espaço Feminino.

Lembranças afetivas, lembranças
de tempos difíceis, lembranças felizes,
lembranças plurais...

A paixão de dizer/2

*Esse homem, ou mulher, está grávido
de muita gente. Gente que sai por seus
poros. Assim mostram, em figuras de
barro, os índios do Novo México: o nar-
rador, o que conta a memória coletiva,
está todo brotado de peçonhas.*

Eduardo Galeano

Se hoje nas universidades as exi-
gências por títulos são cada vez maio-
res, no tempo em que iniciei meu
trabalho na Universidade Federal de
Uberlândia, nos idos de 1983/84, era
comum não se ter títulos, a não ser o
de especialista. Muitos colegas na UFU
saíam direto da graduação e retorna-
vam a ela como professores. Era o início
de uma instituição federal interiorana
com muitas dificuldades de ter quadros
qualificados. A grande maioria dos pro-
fessores sentiam dificuldades em en-
frentar processos seletivos nas grandes
universidades que possuíam pós-gra-
duação. Desta forma, entrei especialis-
ta na UFU, com muitas aulas para dar,
e ainda cheguei a tempo de assistir aos
últimos suspiros do antigo Departamen-
to de Ciências Sociais do qual fa-
ziam parte os profissionais das áreas de
Geografia, História e Ciências Sociais e
a morte - ainda bem - do antigo curso
de curta duração: Estudos Sociais (His-
tória mais Geografia em três anos).

Nesta época o Departamento de

Ciências Sociais (História, Sociologia,
Antropologia e Ciências Políticas) ofe-
recia para todos os cursos a disciplina
de Estudos dos Problemas Brasileiros
além das específicas do próprio curso.
Assim, nós professores e professoras
percorríamos os três campi da UFU e
acabávamos por conhecer e nos relacio-
nar com as pessoas das mais variadas
áreas do conhecimento.

Em 1983 e 1984 fui chamada para
dar algumas aulas substituindo profes-
soras e em março de 1985 fui realmente
contratada, com carteira assinada, para
dar aulas como “horista”, ou seja, rece-
ber por hora-aula dada. Nestes tempos
a figura do professor substituto não
existia. Em julho de 1986 prestei con-
curso para a vaga que ocupava e final-
mente entrei na carreira. As coisas não
se diferiam muito das de hoje em ter-
mos de políticas e disputas pelo poder.
Os estranhamentos e as identidades
dividiam ou agrupavam os sujeitos ora
por afinidade política ora por amizade.

É impressionante começar a
rememorar! Pensar na garra dos/das
estudantes de História, de suas lutas
dentro e fora do curso, estudantes
que em sua maioria eram também
trabalhadores do dia e estudavam à
noite. A participação das professoras e
professores no sindicato, as bandeiras
das técnicas administrativas e técnicos
administrativos por suas carreiras e, todos
nós juntos, em defesa da Universidade
Pública, Gratuita e de Qualidade.
Foram tempos de lutas, de greves, de
enfrentamentos ao governo federal e na

rasteira dos movimentos tentávamos obter bibliotecas condizentes com uma universidade, laboratórios, salas de aula, poder ter uma carreira docente decente e ainda nos qualificarmos, etc.

Quase tudo ainda era feito manualmente. O computador só se transformou em realidade para nós, na universidade, a partir dos anos de 1990. Eleita coordenadora do curso de graduação em História, em 1986 (novembro), me lembro de que mudamos a sala da coordenação para o lugar que hoje ela ocupa, pois anteriormente, ao final do corredor, era desprestigiada. Com a mudança de sala e as portas abertas durante o dia e parte da noite, ela passou a ser frequentada por estudantes, professoras e professores. Muita gente passava por lá pra “jogar conversa fora” ou para solucionar problemas dentro do curso.

Junto com o colegiado e a secretária, a Neida, fizemos festa porque ganhamos (1986) uma máquina elétrica que ao final do trabalho datilografado você apertava um botão e a máquina gerava uma folha igual a anterior. Não era fotocopiadora. Talvez fosse um princípio de computador, de máquina inteligente. Era o máximo! Parecia a nossos olhos algo como mágica! Foi nesta máquina que criamos o 1º Boletim Informativo do Curso de História. Este Boletim era o espaço para transmitir informações sobre o curso e a universidade, mas também publicava textos e artigos de estudantes e professoras e professores. Este veículo de comunicação começou a dar mostras de bons trabalhos e a Profa. Agair Tan-

nús, na época participante do colegiado, sugeriu então sua transformação em revista. Foi assim que surgiu a primeira ideia de uma revista da História. Nossa primeira revista: *História & Perspectiva* (1989), nome sugerido pela Profa. Maria Clara e escolhida em votação pela maioria das e dos estudantes, professoras e professores e também técnicas e técnicos administrativos.

Foi neste ambiente que criamos também a 1ª Semana Científica de História. Na época havia tido um encontro no Rio de Janeiro e em São Paulo sobre a “Paixão” e modestamente criamos uma semana com alguns dos intelectuais que debateram e escreveram sobre a temática Paixão. Nesta semana tivemos oportunidade de assistir palestras, participar de eventos culturais e de ouvir pesquisadoras e pesquisadores convidados em cursos de curta duração. A gente olhava de longe o eixo Rio/São Paulo e “copiava/transformava e colava” ideias quanto a simpósios, semanas, congressos, disciplinas, na tentativa de construir algo nosso, envolvendo a todos e todas no processo de renovação/criação do Curso de História da UFU.

Os professores e professoras reclamavam muito nestes tempos de que tinham que estar presentes e dando aulas de 2ª à 6ª feira de forma interrompida. Ou seja, as disciplinas eram ministradas em horários pequenos, normalmente de duas ou apenas uma aula. Deste modo o conjunto do professorado tinha de forma geral todas as noites ocupadas com o curso. Diante dessa reivindicação

nós do colegiado sugerimos a mudança para horários corridos de quatro aulas seguidas. Houve resistência de alguns, mas conseguimos implantar em 1987 as quatro aulas seguidas. Porém, sobravam sempre aquelas que tinham carga horária de número ímpar. Isso só foi resolvido com a mudança curricular colocando as disciplinas, em sua maioria, com 60 horas aula. As professoras e professores de outros departamentos resistiram, mas, acabaram por entender e até gostar da ideia. Tanto foi assim que também começaram a fazer estudos em seus cursos para programar as aulas seguidas sem as famosas “janelas”.

Tempos de lutas e de busca por espaços mais democráticos onde pudéssemos construir o curso que queríamos, discutimos e debatemos por longo tempo - por um ano nos mantivemos em assembleia permanente do curso de História (professoras, professores, estudantes) – para decidirmos se iríamos implantar ou não o bacharelado e o curso diurno; quais disciplinas e conteúdos seriam necessários, a questão da monografia como base de pesquisa e a possibilidade de todas e todos estudantes fazerem as duas modalidades de curso: licenciatura e bacharelado ao mesmo tempo. Mas ao final saíamos fortalecidos dos embates e as decisões democráticas acabavam sendo assumidas por todos e todas. Sempre achamos que ao transformarmos as ideias em debates coletivos saíamos ganhando. Ganhando em experiências, em ouvir os outros, em esgotar as dificuldades. Isso não significou nem

significa homogeneidade ou identidades fixas, unas, estáveis. A pluralidade dos sujeitos históricos é notável.

Nos anos de 1980 e início de 1990 a UFU era ainda dividida em centros que somavam grandes áreas: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CEHAR); Centro de Ciências Biomédicas (CEBIM) e Centro de Ciências Tecnológicas (CETEC). Era um sistema piramidal no qual a base (funcionários e funcionários e estudantes) não participava dos conselhos superiores. Foi necessária uma **estatuinte** para propor modificações profundas neste sistema de poderes. Mas, como toda luta política as propostas da estatuinte não foram aplicadas em sua forma original. Mas no mínimo conseguimos que os Conselhos Superiores tivessem uma representação muito maior que antes. Nossas participações políticas se davam, portanto, no ambiente acadêmico formal como Conselhos, mas e essencialmente nos movimentos sindicais, nos corredores dos blocos, no dia a dia de nossas vidas dentro da universidade.

Quanto à pesquisa, assim como a qualificação veio aos poucos, a pesquisa e os acervos para a pesquisa local, regional e nacional chegaram também se somando ao longo dos anos. Lembro que algumas professoras carregavam literalmente o “piano”. Dedicavam-se para além das aulas e estudantes a buscar, limpar e guardar acervos importantes para compor o que hoje conhecemos como CDHIS – Centro de Documentação em História. Assim ganhamos a maioria das

coleções de fotos, jornais, revistas, discos, livros, processos criminais e acervos particulares. Neste ambiente, com acervos organizados e inventariados, nasceram pesquisas que se transformaram em monografias, dissertações e teses. E vários trabalhos acadêmicos acabaram por ser publicados na forma de livros.

O acervo de processos crimes foi de grande importância para entendermos as agressividades humanas. Na edificação das diferenças o ódio pelo OUTRO se implantou e gerou uma das coisas mais abomináveis da sociedade: a violência de forma geral e a violência de gênero especificamente, minha temática estendida no doutorado. A vida e o desenvolvimento intelectual nos leva a escolher temáticas, ou elas nos escolhem, assim sendo minhas bandeiras de luta e pesquisa se centraram na vida de mulheres, na cultura que nos construiu mulheres e homens nessa sociedade sexista.

Para a pesquisa foi relevante o nascimentos dos núcleos de pesquisa na UFU e especialmente na História que fizeram com que as aproximações políticas, por amizades ou por sintonia de temas fortalecessem-se e dessem condições para que nos anos de 1990 pudéssemos pleitear junto a CAPES a nossa Pós-Graduação em nível de Mestrado. Após os embates dentro e fora da UFU, ao final, conseguimos implantar o Mestrado, o que para nós era muito bom e para nossos estudantes melhor ainda, pois não precisariam sair de Uberlândia para procurar a qualificação fora daqui. O doutorado acabou por

ser consequência de nossos trabalhos no mestrado. Se anteriormente as pós-graduações se concentravam em capitais e, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, houve um alargamento de fronteiras e uma democratização da pós-graduação no país.

Acho que os 25 anos que passei na ativa dentro da UFU deram significado a minha vida. As amizades de infância ficaram para trás e em outra cidade, assim como as de tempo de graduação que por sua vez permaneceram em outro Estado. Na Universidade Federal de Uberlândia construí laços profundos com muitas professoras e muitos professores, técnicas administrativas e estudantes. Refletindo um pouco sobre o tempo, acabo por verificar que convivi mais com esse pessoal que com meus filhos, pais e irmãos. Além das pessoas de dentro da História, nos tempos da gestão da UFU (2000/2008) construí amizades/irmandades duradouras com outras professoras e professores. Ligações que suportaram o fim da gestão, os embates políticos e continuam fluindo, nas nossas casas e nos botecos da vida.

Mas, nem todas e todos se transformaram em amigas/amigos/irmãs/irmãos, esses foram colegas ao longo da jornada. Mas o importante é que ao me aposentar em 2010 não consegui largar tudo, deixar a UFU para trás. Continuo (2014) inativa/ativamente orientando e dando aulas na pós. O que significa entrelaçar minha vida de “senhora” atando-a as histórias de vidas e à História na UFU.